

MEMORIAS

DA

ASSOCIAÇÃO

CULTO A' SCIENCIA.

N.º 9.

S. PAULO.—AGOSTO.

1860.

ACTA

DA SESSÃO MAGNA DE 11 DE AGOSTO DE 1860, APRESENTADA PELO 2.º SECRETARIO O SR. C. TOMPSON FLORES.

Festejou solemnemente a Associação Culto á Sciencia no dia 11 de Agosto do corrente anno mais um seu anniversario e mais um da criação dos Cursos Juridicos no Imperio. Grande foi a concurrencia dos espectadores e brilhantes de fé e de patriotismo os discursos que se pronunciaram. O enthusiasmo resplandecia nas fronte dos jovens que elevavam aos céos os seus hymnos de gloria e de gratidão quando se celebravam dous grandes acontecimentos: a criação das Faculdades de Direito pela lei memoravel de 11 de Agosto de 1827 e a instalação da Associação Culto á Sciencia.

Na ausencia do nosso muito digno Presidente Honorario, o Snr. Luiz Fortunato de Britto Junior na qualidade de Presidente effectivo abriu a sessão. O discurso que então pronunciou é para nós um motivo de orgulho, suas glorias nos são tanto mais caras quanto á elle deve a Associação grande parte de sua vida e prosperidade. Em seguida o nosso incançavel 1.º Secretario o Snr. Antonio José Gonçalves Bastos Junior fez a leitura de um bem elaborado relatorio expondo os principaes acontecimentos que tiveram lugar na Associação durante o anno social. Subio depois á tribuna o muito digno Orador da Associação o Snr. Florencio C. de Abreu e

Silva; correspondeu o seu discurso ao que se esperava de um talento enriquecido pela meditação e pelo estudo. Oram em seguida os representantes de seis nossas irmãs de letras, que acudiram pressurosas ao nosso convite; os Snrs. L. J de C. e Mello Mattos, orador do Ensaio Philosophico; Antonio Vaz Pinto Coelho da Cunha, do Atheneo Paulistano; Theodomiros Alves Pereira, do Club Scientifico; J. A. Fernandes Lima, da Brasilia; José Corrêa de Jesus, do Recreio Instructivo; e Maximiano de Souza Bueno, do Instituto Academico que pronunciaram os sentimentos nobres de confraternidade e união que ligam essas Associações ao Culto á Sciencia. A tribuna foi ainda abrilhantada pelo digno socio honorario o Illm. Snr. Dr. Pedro Martins Pereira, pelos socios effectivos os Snrs. Coelho de Magalhães e Assis Pacheco, e pelo Snr. Antonio Manoel dos Reis que deram o ultimo realce á nossa festividade litteraria. A sessão foi honrada com a presença dos Illms. Snrs. Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada M. e S., Dr. José Tavares Bastos, Dr. Chaves, Tenente-coronel Joaquim Floriano de Toledo, Azevedo Marques e mais pessoas gradas desta cidade. A Associação não póde deixar de manifestar á estas pessoas que se dignaram assistir a nossa solemnidade e á nossas irmãs de letras que acolheram benignamente o nosso convite, um voto de gratidão e reconhecimento.

RELATORIO

APPRESENTADO NA SESSÃO MAGNA DO 3.^o ANIVERSARIO DA ASSOCIAÇÃO — CULTO Á SCIENCIA —, EM 11 DE AGOSTO DE 1860, PELO 1.^o SECRETARIO O SR. ANTONIO JOSÉ GONÇALVES BASTOS JUNIOR.

Senhores :

Hoje que a Associação Culto á Sciencia reveste-se de entusiasmo, para saudar a aurora feliz do dia em que S. Paulo pôde ornar-se com as gallas das Athenas, e tornar-se o fóco brilhante da civilização Brasileira, completa-se tambem um estadio da senda que temos percorrido, e o terceiro anniversario desta sociedade tão humilde em seu despontar, vem lançar um desmentido solemne, as vozes dos zoilos *Abyssinis* que porventura hontem apedrejavam o sol, quando elle mal bruxoleava na escuridão dos nevoeiros, e que hoje cobrem-se de vergonha, porque o seu clarão brilha sereno n'um horisonte sem nuvens.

Senhores : Ao mais fraco dentre vós coube a tarefa de narrar a historia social de 1859 a 1860 ; desempenhando tão arduo quanto agradavel dever, não posso me esquecer de pagar uma homenagem sincera a esse Deos, que dirige os nossos destinos, e permittio que as nossas aspirações não se mallograssem, bafejadas pelo indifferentismo dos que nos ouviram, e pelos sarcasmos dos nossos adversarios.

A Associação Culto á Sciencia levantou-se do silencio da humildade em que nascera, medio suas forças, reconheceu-se inspirada de patriotismo, sublime de entusiasmo, e atirou-se quando menos a esperavam na lide em que contendiam as suas irmãs.

O que succedeo, vós todos o sabeis.

A santidade de nossos fins, triumphou dos motejos desastrados de nossos inimigos, a Associação Culto á Sciencia conquistou a importancia merecida aos olhos as vezes indiscretos do publico.

Regosijemo-nos, senhores. A lem-

brança do que fomos, mais presada nos fará a idéa do que somos.

Passemos ao nosso intento.

A historia do Culto á Sciencia neste ultimo anno; facilmente comprova o que deixei dito. Ha um anno que festejamos jubilosos o 2.^o anniversario desta Associação, hoje estamos de novo aqui reunidos, para com mais entusiasmo saudar-mos o brilhante alvorecer do 4.^o anno de nossos trabalhos litterarios. Infelizmente as nossas sessões não tem sido honradas com a presença do nosso illustre presidente honorario o Illm. Snr. Dr. José Bonifacio d'Andrada e Silva, o que tem feito dizer a alguem, que elle pouca importancia dá aos nossos esforços, e que os lentes reprovam as nossas Associações, porem, senhores, nós vemos o contrario, e si quizerdes verificar esta minha asserção, recorrei a Secretaria da Associação, e lá haveis de encontrar um officio do Illm. Snr. Dr. Francisco Maria Furtado de Mendonça que a convite da Commissão de Redacção, para escrever no nosso jornal, respondeu a mesma, promettendo a Associação o seu valioso prestimo; e se o nosso Presidente Honorario não tem assistido aos nossos festejos, é porque seus immensos affazeres, e seus incommodos de saude não o permittem.

Cumpre ainda fazer um voto de gratidão aos Illms. Snrs. Drs. Vicente Mamede de Freitas, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Manoel Simões de Souza Pinto e Tertuliano Teixeira de Freitas, estes nossos socios honorarios que tem assistido a todos nossos festejos, e tem empregado todos os disvellos em favor da Associação, e aquelle tem-se tornado credor de todos os elogios, por seus innumerados serviços.

Em sessão de 15 de Outubro, tivemos as nossas eleições, e dos antigos funcionarios foram reeleitos 4, como consta dos documentos annexos a este relatorio, e se os outros não o foram, foi porque já tendo dado bastante provas de sua dedicação, deixavam os lugares a novos campeões, afim de que pudessem tambem mostrar o seu amor e zêlo.

Nesta mesma sessão recebemos tres officios sendo um do Ensaio Philosophico, outro do Atheneu Paulistano, e um terceiro da Brazilea os quaes nos convidavam para as suas sessões de encerramento, e no dia 16 tambem encerraram-se os nossos trabalhos.

Pela retirada dos Snrs. Antonio Corrêa de Oliveira, e Marcellino de Assiz Tostes da Commissão de Redacção, procedeu-se a nova eleição, e foram escolhidos os Snrs. Pedro de Araujo Leite, e Francisco Rangel Pestana, que tem sabido preencher os lugares, em que os suffragios de seus collegas os collocaram. Em sessão de 17 de Março do corrente anno apresentaram alguns socios um requerimento pedindo a reforma de Estatutos, e então foi nomeada uma commissão composta dos Snrs. Luiz Fortunato de Brito, Florencio Carlos de Abreu e Silva, e Francisco Rangel Pestana, para appresentarem o plano da reforma, que foi discutido durante 4 sessões, com toda a calma, e com grande numero de socios.

Exonerando-se dos empregos de 2.º e 3.º oradores os Snrs. Francisco Carlos dos Reis e José Marcelino de Araujo Véga, o Snr. Abreu e Silva pediu que não se procedesse a eleição dos mesmos antes da reforma; que depois de confeccionada, abolio a instituição de 3 oradores, ficando em vigor um orador e um supplente, e para estes lugares foram eleitos os Snrs. Florencio Carlos de Abreu e Silva, e Francisco Coelho de Magalhães Junior moços já bastante conhecidos entre nós.

As nossas sessões foram sempre bem frequentadas, e nossos trabalhos regulares, e para prova do que digo, se recorrerdes ao archivo das actas, encontrareis durante o anno social 13 thezes discutidas e repassadas de fogo e reflexão, onde os socios que nella tomaram parte mostraram ainda uma vez o alto gráo em que devem ser collocadas as suas intelligencias; e dentre estas 6 foram de direito constitucional, o que prova que a mocidade procura estudar a Constituição, arca santa de nossos direitos, para algum dia ser, (na phrase do Snr.

Leite Moraes), a columnata de bronze, sobre cujas fachadas, soletram-se os destinos brilhantes deste vasto e florescente imperio.

O numero dos nossos socios honorarios é de 27, não incluindo 11 que ainda não manifestaram a sua accettazione, e mais 16 que foram propostos em sessão de 25 de Junho do corrente anno, e o dos socios effectivos sobe a 60 alem de 8 que ainda não tomaram assento.

Pelo projecto da reforma dos Estatutos, ficou creada mais uma cathegoria de socios, que são os correspondentes, porém só contamos um proposto e approvedo.

A respeito das relações externas, pouco tenho que accrescentar ao que o meu digno antecessor vos narrou, achamo-nos somente ligados com mais duas irmãs de lettras a Brasilea, e o Recreio Instructivo, que modestas em seu começo, mostram-se tambem hoje no mesmo campo em que pelejamos, e oxalá que as auras pestilentas não venham bafejar estes astros luminosos do horizonte da sciencia, nascidos sob auspicios tão felizes!

Já que trato das relações externas da Associação, regosijo-me de annunciar-vos que temos recebido officios dos Illms. Snrs. Drs. Jeronymo José Teixeira Junior, Augusto José de Castro e Silva, Francisco Octaviano d'Almeida Rosa, Paulino José Soares de Souza, e Joaquim d'Almeida Leite Moraes, accusando a recepção dos nossos em que convidavamos para nossos socios honorarios, e excusado é dizer-vos que as suas expressões são as mais lisongeiras, e promettem toda coadjuvação a sociedade, mais uma prova irrefragavel de que o indifferentismo do seculo não domina a todos, de que a dedicacão as lettras não se acha apagada do coração destes senhores e que tanto se distinguiram em seus estudos academicos.

Se alguns moços tem-nos desamparado, já pela difficuldade que encontram em seus trabalhos, e já por quaesquer outros affazeres, maior numero de adeptos tem-se alistado debaixo de nossas

bandeiras, como podeis vêr pelos documentos annexos.

Recebemos uma obra de Direito intitulada Nova Apostilla sobre o Codigo Civil Portuguez pelo abalisado Jurisconsulto Brasileiro o Illm. Snr. Dr. Augusto Teixeira de Freitas, e mais dois volumes a Voz do Povo e a Voz da Razão, e os Ensaios Poeticos que são as primeiras composições de dois nossos collegas, bastante intelligentes aos quaes desejamos todos os premios de que são merecedores.

Tambem temos tido diversas folhas não só politicas como litterarias, e entre ellas enumerarei a Revista Mensal, os Ensaios Litterarios, o Kaleidoscopio, os Exercicios Litterarios, Revista Dramatica, a Legenda e o Lyrio, que tendem a propagar as idéas, disseminando assim a instrucção, e despertando a intelligencia que pouco a pouco vai se erguendo de seu leito de infancia, como disse uma grande cabeça.

O nosso jornal tem sahido regularmente graças aos esforços da muito illustre Commissão de Redacção, que quasi sempre tem preenchido as suas columnas por falta de artigos dos socios.

Em sessão de 26 de Julho do corrente anno, pedio a exoneração do emprego de thesoureiro o Snr. Gustavo Adolpho de Suckow, o que a Associação concedeu com grande pezar, porem esta vaga foi logo preenchida pelo Snr. Manoel Ferraz de Campos Salles, que estou certo, muito bem occupará este lugar, visto já ter mostrado a sua dedicação a Sociedade, durante dous annos que servio na 2.^a Secretaria.

Ficando tambem vago o lugar de 2.^o Secretario, foi escolhido o Snr. Carlos Thompson Flores, que deixou vago o lugar de 2.^o adjuncto para o qual foi eleito o Snr. João Quirino do Nascimento, moços em quem a Associação deposita grande confiança, e que promettem ser tambem obreiros deste grande monumento.

Eis pois, senhores, os factos mais importantes que occorreram durante a minha administração, o trabalho que of-

fereço, está incompleto, eu bem o reconheço, mas como já disse alguém, se a offerenda é digna do altar em que a colloco, acceitai-a e senão fôr, imitai ao Deus dos Christãos, acceitai a intenção. (*)

Concluindo o meu trabalho, eu vos peço, que vos empenheis em novas luctas, a fim de que com vosso estudo e assiduidade possais alcançar a prosperidade desta Associação; não desanimeis na tarefa ardua que tendes encetado, porque se de um lado, a vereda é juncada de abrolhos, do outro vereis as coroas de louros que nos prepara o futuro, e a nós pois cumpre lançar mãos de todos os recursos, a fim de que possamos alcançar algum dia, os trophéos de tão almejada conquista.

DISCURSO

COM QUE O SR. L. F. DE BRITO, PRESIDENTE DA SOCIEDADE ABRIU A SESSÃO.

Povos, povos, Deus tem impresso sobre vossa fronte o sello mysterioso da Cruz, a Cruz é o martyrio, mas a Cruz é a liberdade.

(LAMENAS).

Nesta epoca, senhores, em que os mais sagrados direitos dos homens são desrespeitados, em que só se rende culto e homenagem ao tyranno e ao homem de ouro, em que os governos parecem tudo arrastar para a sua orgia infernal, nesta epoca, em que os homens do poder tem arvorado a bandeira da corrupção e da desmoralisação, a mocidade que acalenta em seu peito, uma fé viva, uma esperança inabalavel que um dia hade vir em que os cantos de tristesa em que os corações abatidos reverdecem como as rosas da primavera a mocidade não pode deixar de dar um brado de indignação. O dia 11 de Agosto, dia grande e bello nas paginas da nossa historia dá começo á grande luta em que o povo appresenta-se á conquista do conhecimento e do sentimen-

(*) Expressões do Dr. Couto de Magalhães no prologo ao romance Guayanazes.

to do seu direito. Mas o que é esse direito? O que é que o povo pede?

O povo quer que seja respeitada sua dignidade humana, mas triste realidade não o consideram senão como um puro instrumento de produção, um servo da Media-Idade: elle quer viver da vida physica, mas no entanto é condemnado ao supplicio da fome: elle quer receber as luzes da sciencia, mas atirão-n'o á ignorancia á servidão do bruto. Porque razão vemos muitas vezes o genio despresado, mendigando os meios de subsistencia, não tendo logar onde abrigar-se?

É porque a instrucção em nosso paiz infelizmente não é para todos; é porque entre as Academias e aquelles que trazem pendidos de seus hombros os andrajos da pobreza ha uma barreira insuperavel.

Porque razão esses obstaculos quando se trata da educação, da moralisação, da instrucção do povo? Não vêdes por toda a parte vossos idolos lançados por terra, vossas realesas pallidas, vossas aristocracias espavoridas? O que as assusta? É o ruido que corre diante a tempestade para annuncial-a; é a tempestade que parece prestes a desabar sobre aquelles que julgam que se não pode subir os degrãos de um throno, sem calcar-se em sua passagem os direitos do povo; é essa mão descarnada que vem predizer não a queda deste ou daquelle imperio, mas o baque de todas as realesas, com seus cortezaões, seus crimes, suas devassidões; é o apparecimento de um dia sublime e magestoso que será a tradução do triumpho completo da igualdade e da democracia: o romper d'aurora desse dia não tardará para ti ó povo que tens impresso sobre tua fronte o sello mysterioso da Cruz, o martyrio, a liberdade, para ti ó povo a quem Deos reserva a sua justiça tardia a nossos olhos porém certa.

A patria vive do concurso e do trabalho de todos os seus filhos, na mecanica da sociedade não ha mola inutil. Entre o ministro que governa o estado, diz Jouffroy e o artista que contribue para sua prosperidade com o trabalho

de suas mãos não ha senão uma differença e é que a função de um é mais importante do que a de outro, mas a bem cumpril-as o merito moral é o mesmo. Si assim é, desde já nos acostumemos a empregar todos os nossos esforços, elevar nossa fraca voz para que a instrucção e a educação sejam repartidas mesmo por aquelles menos favorecidos da fortuna.

Aquelle que neste momento, contemplador imparcial, lançasse suas vistas sobre a nossa sociedade veria que ella se nos apresenta com aspectos melancolicos, o sol que a esclarece é pallido, o rio que a banha é gelado. De um lado é a fome, esse flagello terrivel, que vai consumindo os dias daquelles que não nasceram em leitos dourados; de outro são os dinheiros dos cofres publicos esbanjados, consumidos para divertimento dos ricos em quanto que o povo a quem não se faz se não augmentar os impostos, sobrecarregar de todos os vexames possiveis. morre de fome; aqui é a casa do cidadão violada impunemente, ali é a liberdade de pensamento tolhida, ora atacando-se directamente essa mesma liberdade, ora indirectamente, quebrando-se typos, incendiando-se typographias: e a esse estado de cousas a que infelizmente tem chegado a sociedade brasileira, deveremos aos gritos lamentaveis do povo respondermos como a Cleopatra de Cornelia a seus filhos—
..... Perecei—
Perecei.

Não. Nós em cujos peitos ainda bate o sentimento do patriotismo que como diz Lamartine é o primeiro sentimento, é o primeiro dever do homem que a natureza prende ao seu paiz, antes de tudo, acima de tudo, por todos os laços de familia e de nacionalidade, nós não poderemos ficar insensiveis aos seus gritos, e no dia de hoje apontando para o futuro, para epocas talvez mais felizes seja o nosso unico protesto as seguintes palavras—trabalhar, trabalhar!

DISCURSO

PROFERIDO NA SESSÃO MAGNA, QUE CELEBROU A ASSOCIAÇÃO CULTO Á SCIENCIA, NO DIA 11 DE AGOSTO CORRENTE, PELO ORADOR DA MESMA. O SENHOR FLORENCIO CARLOS ABREU E SILVA.

Eu vos saúdo, geração futura,
Só em vós eu confio.

.....
.....
.....

Crescei, crescei da liberdade, ó filhos,
Para a patria salvar, que vos aguarda.

DR. D. G. DE MAGALHÃES.

Senhores.

Na historia dos povos através das idades, ha uma lei, que eterna e invariavel a tem presidido desde o seu começo, — é a lei do progresso.

Cada geração que se renova recebe o legado da geração que se sumira na vovagem do passado, e desvendando novos horisontes, por sua vez prepara o que hade deixar a quem lhe succeder.

E a humanidade avança, e a sciencia caminha recebendo novos thesouros, e cada epocha representa uma nova victoria que lhe cinge a fronte.

Tendo seu começo nos tempos em que floreceram os povos Asiaticos, essa lei do desenvolvimento humano continua seu caminhar através dos tempos memoraveis da Grecia. Platão e Aristoteles, á semilhança de seu mestre, nas asas do pensamento se elevão á região da philosophia. Phidias traça no marmore o primor da arte. Leonidas morre pela civilização nas Termopylas.

Ella se ostenta brilhante e bella em Roma, e vai depois desfallecer, para recobrar novas forças, por entre as caligens do barbarismo.

O paganismo morre de sua propria podridão, e a doutrina do martyr do Golgotha se derrama pelo mundo a dominal-o pela fé.

O principio da igualdade e fraternidade raiou pela primeira vez.

A escravidão, «que succedera as castas,» achou lenitivo ás suas pesadas cadéas.

A sciencia assombrada pelos dardos germanicos, vai lançar-se na solidão dos claustros, e a civilização ensanguentada parecia ter-se sumido da face da terra.

Mas o dedo da Providencia que prepara os grandes acontecimentos, não havia desamparado a humanidade.

Não ha no mundo nenhum successo inutil, a mão suprema que os faz apparecer, prepara-lhe sempre um fim.

Uma civilização decrepita havia desaparecido; prostituida pela corrupção e atrocidades dos despotas de Roma, — a senhora do mundo, — então escravizada, — ella se achava impotente para a realização da lei do progresso; — a propria dignidade humana a repellia.

A média idade servio então para a razão humana tomar novas forças, e mais brilhante surgir a luz da sciencia.

A Italia — a terra dos grandes feitos — deu primeiro o grito de álerta, que echoando esturgidor por toda a Europa, — preparou as grandes revoluções que precederam ao nosso seculo.

O renascimento começa então. O progresso continúa sua marcha triumphante. As artes recebem novos brilhos e novos desenvolvimentos; as sciencias vão pouco a pouco arrancando da natureza e da razão humana os grandes mysterios que nos hão conduzir ao grandioso fim destinado pelo Creador Supremo.

Aos estudos theologicos e das artes liberaes, succedem os philosophicos — a razão impera.

A' cadêa ferrea do dogmatico, succede — o livre exame.

As communas preparam a quêda da aristocracia. A reforma religiosa desencadêa-se nas azas de uma revolução, — e o Vaticano estremece desde os seus fundamentos.

No horisonte europeu assoma o vulto grandioso de Guttemberg, além Rosseau, 89 em fim, e o *genio das victorias na ponta de seu gladio*, como um fio electrico conduz os triumphos da razão e da liberdade, por entre as trévas do despotismo a todos os cantos da terra.

E vós vêdes, Senhores, cada dia que a ampulheta marca demais no passar do tempo, é — uma nova luz que apparece

— é um novo louro que a sciencia alcança — um novo horisonte que as letras desvendão.

O vapor, a imprensa e a electricidade mudão a face da terra; — ao despotismo succede a liberdade, — á força o direito.

Mas, Senhores, a par dessa marcha brilhante, a par dessa lei tão grandiosa, que conduz os povos ao seu destino, ha uma outra triste e desoladora, que tambem não os tem desamparado — é a lei do martyrio.

Os amantes da felicidade dos povos, da sciencia e da verdade, esses heroes jámais esquecidos pela posteridade — tem tido como recompensa de seus esforços — a corôa do martyrio.

Cada victoria que a civilização alcança, deixa após si um sulco de lagrimas e sangue.

Cada monumento que ella levanta, — se assesta sobre craneos de victimas immoladas em seu altar.

E esta lei, Senhores, tem sido tão constante no campo da sciencia, — como no da liberdade, — sua filha dilecta.

Os precursores da liberdade atheniense — Asmodius e Aristogiton — cahem aos golpes da tyrannia. O pensador profundo que trocára o borel de estatuario pela toga do philosopho, — traga a cicuta pelo amor da sciencia.

Para que Roma se livrasse do despotismo dos reis, foi preciso que o sangue de Lucrecia corresse nas praças publicas. Os defensores do povo — os Grachos — morrem ao peso do punhal da aristocracia.

Rios de sangue cobrem o christianismo em seu berço. E o mundo avança, e a propria religião da caridade e paciencia, da paz e virtude, é entregue a mão dos sicarios, que fazem apparecer a inquisição, e Gallileo vai desfallecer em seus carceres medonhos.

João Huss e Thomaz Moore, Campagna e Colombo, tem como resultado de seus esforços — a fogueira e o veneno, os grilhões e a dor !!!...

Parece que a Providencia quer sellar com o soffrimento todo o esforço do homem, para esse fim, que ella mesma lhe destinára.

Parece que os despotas, — os senhores e os grandes do mundo — são meros instrumentos em suas mãos !

Mas não, — foi uma lei das trévas desse tempo, e as trévas vão a findar. Sua victoria é passageira, passageira porque só ha uma victoria duravel é a da verdade e da justiça; — o erro póde existir por algum tempo, mas destruir-se-ha por si mesmo.

Aos despotas de todos os tempos, nunca lhes pode convir a sciencia e o progresso das letras e a instrucção. Seu reino é o das trévas, a sede do seu solio é a ignorancia, e as luzes fazem os povos conhecerem os seus direitos, e a sciencia indica-lhes a marcha que devem seguir !

Mas o tempo dos despotas está a tocar o seu termo, os martyres se acabarão tambem.

Não vêdes? lançaes vossos olhos para a patria dos Catões e Scevolas, dos Garibaldi e Manzini, olhae e vêde-o despotismo lá assignou o seu acto de abdicção, a luz sombria que o alimentava, lançou o seu ultimo raio ennegrecido e apagou-se !!!...

Oh ! sombra dos heroes e martyres, lá do seio de Deos onde habitaes, contemplaes a vossa obra — vêde como a luz de progresso brilha em todo o esplendor de seus raios, vêde como as azas do anjo da liberdade principião a pairar por cima de todas as regiões !!

O homem hoje sobranceiro sobre o mundo, orgulhoso de suas descobertas, — não vê limites do poder de sua razão, e com o peso de sua mão procura abarcar o universo; — filho de Deos, elle caminha para o infinito !

Que distancia o separa de seu berço !!!...

E diante, Senhores, da magestade da grandiosa obra do seculo 19.^o, quando o legado das gerações se tem amontoado para a regeneração da humanidade, qual seria aquelle que sentindo o coração estremecer-lhe de enthusiasmo, ou deixando de entoar um hymno á grande epopêa que se desenrola a seus olhos, não viesse depôr o seu obolo, por mais

insignificante que seja, no altar da civilização?

A Associação — Culto á Sciencia — vem por isso cumprir o seu dever, ella vem depôr o obolo que compete com suas forças.

Ella vem solemnizar o seu 3.º anniversario, e o 33.º da criação dos Cursos Juridicos. Vem entoar um hymno ao grande dia da patria, a este agigantado passo que démos na senda do progresso; solemnizar as victorias que tem alcançado através do tempo, apesar das luctas e soffrimentos, decepções e indifferentismos.

Os resultados que ella tem colhido, vós podeis apreciar-os.

O seu grande fim ella vos patenteia hoje, como o tem feito sempre — o desenvolvimento moral e intellectual de seus membros — por meio da tribuna e da imprensa; a divulgação dos conhecimentos, e a instrução do povo.

Instrução, sim, Senhores, unica força capaz de levar os povos por um caminho certo e desassombrado — a sua felicidade; instrução, luz, que todo o dia se pede para o povo e que sempre é negada!

Instrução publica, — a alavanca mais forte do progresso, o unico meio de conservar-se a liberdade, as instituições livres, o respeito á auctoridade e a moralidade do povo, que é um direito de todo o homem social; que é um dos fins da sociedade politica — que no entretanto não tem tido o cuidado que merece em nosso paiz.

Nascemos debaixo da acção do despotismo, que educava o povo no seu interesse, conservava-lhe os vicios, os prejuizos, os costumes corrompidos, comtanto que respeitassem o seu mando, as suas atrocidades e tropelias; mas mudaram-se as scenas, a terra virgem da America repellio de si a tyrannia, — planta exotica em nossas selvas, — o principio do direito divino desapareceu diante da magestade do povo, que ficou soberano, como de direito lhe competia; e as bases do governo ficaram firmadas sobre o voto e opinião publica; qual era, Senhores, a primeira necessi-

dade a preencher-se? qual aquella que primeiro merecia todo o empenho e todo o esforço?

Era por certo, Senhores, a instrução do povo — para que pudesse conhecer seus novos direitos, — desapparecessem esses prejuizos antigos, esses costumes despoticos, usos do paganismo, e pudessem governar-se conforme a justiça e a razão. Assim porém não tem acontecido! Curvemos a cabeça diante dos factos; mas não desanimemos.

O Brasil deixou de ser o receptaculo das fezes de Portugal; mas não cuidou-se em apagar os males e vicios, que ellas implantavam em nosso paiz. A não ser da classe média para cima, raro é homem do povo que conhece as leis que o regem, e os direitos que lhe competem.

Desampara-se a instrução publica aos fracos recursos das Assembléas Provincias, que quando muito podem mandar ensinar a *lér, escrever e contar*, — e quando podem, deixando nossa população submergir-se na mais crassa ignorancia.

Clama-se todos os dias contra a corrupção, diz um sabio escriptor, contra os abusos da auctoridade, a infidelidade dos representantes, a falta de moralidade nas transacções dos homens, e esquece-se que não ha meios bastante fortes que sirvão de dique a uma torrente, em quanto não se estabelecer um bom systema de instrução publica!

A verdade desta proposição, vós conheceis perfeitamente, não necessita de demonstração.

Reforma-se todos os dias os systemas eleitoraes e administrativos, á procura de melhores, reformas e mais reformas, e não vem que em quanto o edificio não se assentar em bases solidas, todos esses concertos serão desmoronados ao menor sopro!

Instrua-se o povo, e então marcharemos no verdadeiro estadio do progresso; instrua-se o povo e não apparecerão mais *pretensões criminosas*, e *nem se manifestarão intenções liberticidas!*...

Os conhecimentos solidos, a lavoura e a industria, a riqueza e o poder collo-

carão então o Brasil na posição que deve occupar.

Não quero ter a vaidosa presumpção de que a Associação—Culto á Sciencia—ha de fazer o que não tem feito aquelles que nos dirigem, os que podem; não! Seria isto um arrojo infundado de minha parte; mas suas forças reunidas a outras Associações populares, suas vozes, reunidas a outras vozes clamando sempre, talvez possam conseguir alguma cousa.

Para o grande edificio da patria cada um deve concorrer com o que poder e nada ha inutil. A Associação, pois, cumpre o seu dever.

E não desanimaremos, fracos no numero e nas forças; mas fortes no sentimento e na coragem, saberemos triumphar de todos os obstaculos!

Em quanto em nossos peitos palpitar ardente o amor da patria, trabalharemos para que a instrucção deixe de ser um privilegio das classes abastadas; trabalharemos para que em nossos immensos povoados haja mais alguma cousa do que professores inhabeis e desconhecedores da sua missão, a estragarem no erro a infancia ao sahir do berço! Trabalharemos enfim para que um direito do povo, não continue a ser desrespeitado!

Cheguei agora a um ponto, Senhores, que se por um lado desejava, sentia-me por outro bastante acanhado, e de certo n'elle não tocaria, a não ser o character que hoje represento.

Vós que me tendes dispensado a vossa attenção, acabaes de vêr o esforço, que empreguei para não fallar em cousa que se parecesse com politica, e se alguma vez deixei de lado o meu firme proposito, foi porque de todo assim era preciso. E deste modo, Senhores, praticação aquelles, que, como eu, sobem á tribuna. No entretanto—censores da nova especie—não se cançam em alardear por toda a parte, que nos discursos das sessões magnas das associações litterarias desta Academia, ha só um principio que os rege, uma fórmula que os domina—a politica, o desacato á auctoridade constituida!

Em nome da verdade, em nome da justiça, respondamos a estas recriminações.

Quando, Senhores, desacatamos aqui a auctoridade, quando contestamos a sua legitimidade?

O que se tem feito algumas vezes, é lamentar a sorte do povo immerso na ignorancia e na miseria, o que se tem feito é clamar contra os abusos e a favor da Constituição tantas vezes violada! Não seriamos nós os homens da lei e do direito, quem dariamos o exemplo de desrespeito á auctoridade; e felizmente os discursos da mocidade se acham impressos em seus jornaes litterarios, para virem em apoio do que dicemos.

E como, Senhores, fallar-se da sciencia sem fallar-se da sua realisação pratica na sociedade?

O que é a sciencia? qual o seu fim? Não é a felicidade dos povos? e como cantar hymnos á sciencia, sem lembrarmos do transvio que ella leva na pratica?

Não! é impossivel, e eu repetirei com—uma forte intelligencia da nossa epocha:—a sciencia, a religião e a politica são irmãs tão ligadas, que não se póde fallar de uma, esquecendo as outras!

Eu sei, Senhores, que um sorriso de indifferentismo, senão de desprezo acolherá minhas palavras; eu sei, Senhores do Culto á Sciencia, que os nossos esforços mal interpretados pelos genios das trévas, terão poucos corações que benignos os recebam, mas não importa. Acabastes de abrir as paginas de vosso jornal a todos os conhecimentos humanos, e a todas as intelligencias, que se queirão associar á nossa missão; acabastes de decretar a sua divulgação por todas as provincias, continuai em vossa marcha—sempre ávante!

Não trepideis adiante dessas sombras, que em torno de vós volteião como abutres, a vos roerem as carnes! Compennetrai-vos, de que sois a mocidade, e que á mocidade está entregue o futuro!

A'vante! e permitti que conclúa com um pensamento de um dos nossos companheiros de lutas e trabalhos,—acima do indifferentismo do presente está a

gratidão da posteridade; mas se a propria posteridade nos esquecer, ainda nos restão as benções de Deus !!

Discurso do orador do Club Scientifico.

Os signos do tempo são por nós, passão vozes no ar; á vossas tendas, Israel! os clarins fazem soar a marcha sobre nossas cabeças: avante!

(PELLETAN.)

Ainda uma vez, senhores, me he dado levantar a vós, em meio a mocidade entusiasta; ainda uma vez, arrojando o desanimo, ergo-me em frente de vós ao tom das cantilenas alegres. Onde quer que se levante um altar á sciencia, e os sacerdotes do pensamento afluão reverentes, ahi vereis apparecer o Club—Scientifico—ebrio de entusiasmo, esperançoso e audaz, porque não descreu ainda, nem se quer commungou na eiva do seculo.

Quando ao horror das gritas, e sinistros augurios, vemos mesclar phrases de entusiasmo, e notas de ardente poesia passão susurrante nos ares ha ahi vida e actividade nas fibras da Nação. E' que a seiba que lhe alimenta não se há em tudo eivado dessa corrupção que a prostra, a bate, e a empurra para o tumulto.

Hoje que o nosso sol se levanta soberbo, as nossas campinas se perfumão, e os rios caudalosos entoão hymnos a Deus fôra-nos loucura curvar a frente, renegar dos sonhos como *Faust*, ou pender do abysmo ao geito de *Manfred*.

Tambem já presentindo a alvorada eu me apresso a augurar-vos bella viagem; eia, apóstolos do progresso, moços de esperança illustres membros do Culto— a Sciencia: caminhar!

E' sempre bello o concurso das intelligencias sob a inspiração da patria; há sempre sentir sublime nesses grandiosos nomes que as ondas do seculo salvão do naufragio, atirando-os á posteridade, por que espertem o entusiasmo heroico. E'

no Pantheon dos bustos venerandos, que a tradição nos manda, que o amor da patria revive, a devoção ao trabalho se sublima, e a fé na solidariedade humana cresce em robustez. Senão, vede:

Outr'ora, nesses tempos que vão—perder-se sob a lousa dos seculos, era a vós do poeta que se revelava prophetica, e fallando a linguagem dos Deoses—na expressão valente daquellas éras—arrastava consigo montes, arvores e penedos, alevantando ao sopro dos labios populosas cidades. Eis Orpheo, e mais adiante Amphion.

Nos cyclos nevoentos, que se desinrolão ás sombras condensadas pelas éras, era então bello de ver-se, ao nome da patria, os estos ardentes de corações mancebos, sussurrantes de heroismo, levallas lindos de entusiasmo sancto a morrerem, por sua gloria. Eil-as, não vedes? Curcio, Decio, e mais além o romano. Regulo.» Voltai a frente, e encarai de relance essa Grecia mysteriosa que a historia sagrou memoranda, vede: quando o povo extenuado, curvado sob o desanimo, esquecia as tradições heroicas, era ainda a vós de esperança, o carmelyrico, que soerguia o sudario, frio pesando-lhe sobre os hombros, e lhe alémbra a existencia de homem—eis ahi Tirteu.

Atravessai essa nuvem ennegricida que se levanta fatidica ante vossos olhos.... olhai—os animos delirão, o nome de patria maravilha os tempos, más demuda o humano coração tornando-o letra morta. Não no vedes, como tras o rosto carrancudo e severo: eis ahi Bruto vendo impassivel a machadinha da republica decapar o cóllo de seus filhos, que se vão sanguentos rolar pela praça.

Eis ahi—Cezar—mais além—embuçando-se na toga e cahindo aos pés da estatua de Pompeo.....o stoicismo é virtude, o homem desconhece-se e mancha negra ennodoa a pagina brilhante do sentimento de familia.

Era tambem assim que os supersticiosos Punicos ião estupidos ocultar no abrazado seio de Melkartc, sua prole atirada como hecatombe aos Deuses.

Era ainda ao doce nome de patria, que

o romano orgulhoso fazia pesar sobre o cóllo dos vencidos seu jugo de ferro.

Ergueu-se tambem dentre os gladiadores um homem féro, orgulhoso, e guerreiro, quebron os grilhões que lhe algemavão os pulsos, gritou liberdade e a republica tremeu, Crasso esquece as riquezas, e Pompeo impallidece. Era que o escravo se lembrava da patria e em um momento se arrependera de contentar a paixão sangrenta dos Romanos corruptos..... conspirou e luctou..... eil-o não lhe cuspaes na fronte, não no amaldiçoeis—deixai passar a sombra de Spartaco.

Fora longo talvez levantar o véo de tantos Eddas heroicos para mostrar o que póde a patria:—aqui, a espada do guerreiro, alli, o punhal do sicario, erguendo-se por entre as sombras no delirio da febre. Deixemos o que já foi.

Quando a juventude altiva lembra um hymno de esperança, calça as sondalias, e se premune para a jornada, é dever nosso voltarmos para o Oriente como—o Musulmano para a cidade sancta—e aguardar cheios de fé a aurora do futuro.

No bello céu de Italia a *amal-aria* das campinas romanas cresta as plantas, enfesa-as, e as atira na leiva, esfareladas; hé assim que entre nós o baso pestilento dos seres que já não creem, ou vivem no ascetismo de Manmom, emmurhecem as flores perfumosas da esperança, e tentão no orgulho liliputiano, ensombrar o horisonte bello para a qual se atirão as aspirações.

A esses que não jurão pelo progresso, e olhos fitos no presente não veem além a aurora que se levanta, deixemol-os tripudiarem loucos aos uivos despregados da saturnal. Fôra insania lembrar ao cégo que o dia é bello, e patenteia aos olhos espectaculo maravilhoso; que passem no vegetar das plantas presos a necessaria lei da fatalidade.

Ainda uma palavra, a vós que vos ergueis ahi nesse pedestal soberbo a saudar o astro de nossas esperanças; ainda uma nota de entusiasmo as sacras intelligencias que se não turbão nem anuvião ao vento de desanimo que tenta em balde acurvar as fronteiras divinas.

Um dia nos levantamos, ufanos, e de joelhos bem dissemos o alvorecer de uma idéa, e ebrios de esperança, por entre o pó das turbas, dissemos ao mundo, vós em grita:—que ao troar dos canhões se erguera a bandeira da liberdade!

Triste decepção, senhores, corremos as margens do mar morto, colhemos um bello fructo, e mordemos na cinza. Parecia-nos, que o sol da liberdade devia trazer-nos bellos dias, e que o carro da bella deosa rodaria abençoado espalhando flores, e não como o do idolo oriental, esmagando sob suas rodas os crentes que o adoravão. Miséria, senhores, as tradições cahirão, os vesos antiquados e extemporaneos forão-se, mas deixarão vergontes que ainda em nossos dias—como essa planta do sonhador Meda—tentão obumbrar as aspirações que se revelão, e marchão sob a lei social.

Não ficarão de todo sepultos, sob os combros dos torreões abatidos, os principios de theoria divina e da progenie dos deuses.

Ainda ressuscitão, como o Lasaro biblico, murmurando as lendas passadas, eivando muitos espiritos de mancebos que deverião hoje atear as aras da sciencia, e repillar de seus lares esses penates maldictos.

Enganão-se, á luz do nosso seculo não poderão mostrar os rostos antiquados; basta de despotismo!

E' nos necessario o ambiente da liberdade para que possamos desenvolver nossas forças, e subir a altura da magestade de nossa natureza.

A vós, pois, que crentes no futuro, animosos e trabalhadores no presente, esperaes de joelhos que se levante a aurora de ventura, em nome do Club, dirijo uma saudação. E sede certos, senhores, que as idéas unicas que nos possão levar ao idéal dos governos, á relativa perfeição social, triumpharão, em despeito aos gritos discordes desses cavalleiros da noite que só tem o riso da estupidez marasmada para os sonhadores de glorias e liberdades!

Senhores, se nos é licito dar ouvido as palavras do genio, direi com elle: a rege-

neração litteraria de nossa terra deve sair do meio de nós.

Phalange do progresso não há ficarmos immoveis. Como ao Ashavero da tradição uma vós nos brada sempre:—caminha.

Theodomiro.

DISCURSO

RECITADO PELO SR. M. DE SOUZA BUENO,
EM FALTA DO ORADOR DO INSTITUTO
ACADEMICO.

Basta a lembrança de que é hoje o dia 11 de Agosto para justificar o nosso grande entusiasmo. E' verdade que não festejamos o anniversario de grandes proesas, de façanhas marciaes, mas nem por isso deixa de ter tão subida importancia por que marca o da criação dos nossos cursos juridicos.

E se é certo que as necessidades, as tendencias dos povos se mudão com o volver dos tempos, por certo, que este dia é grande para o homem do seculo 19, que não vê mais a lei na espada, a gloria na força. La se forão os dias de lutas, os dias infelizes em que a humanidade encontrava na força uma das condições da sua existencia. A civilisação, a religião da cruz chamão infelizes esses dias em que Attica celebrava os seus feitos nos jogos Olympicos, em que os filhos de Roma saltavão de alegria ao som dos instrumentos de guerra.

Só é grande á seus olhos o dia que marca para a humanidade uma conquista, um triumpho do pensamento sobre a materia. Mas, senhores, o dia que festejamos além de ser o grande dia da sciencia, de pertencer, por consequencia, a humanidade inteira, ainda tem para nós uma outra importancia não menos valiosa. Quereis saber, senhores, qual ella seja?

Lançaé uma rapida vista sobre o passado, vede o presente, contemplaé o futuro da nossa Patria. O quadro que tendes diante dos olhos não nos deixa

ver somente o triumpho do pensamento, a idéa predominante do seculo, a tendencia da geração a causa das letras, porem ainda a phase brilhante que começou para o Brazil. Mas, senhores, é impossivel apreciarmos devidamente a actualidade sem lançarmos as nossas vistas para o triste quadro do passado, que n'ella se reflecte. Eil-o, pois mostrando-nos em caracteres distinctos os desgraçados tempos de captiveiro, de tyrania, de ignorancia que consumirão os nossos antepassados. A mocidade que hoje respira o ar da liberdade, vê abertos os templos da sciencia, emballa-se no seio da paz, não pode olhar com desdem, nem ao menos, com indifferença para essa serie não interrompida de soffrimentos, trabalhos e provações que nos derão tão saborosos fructos. Os seus sacrificios pela causa da liberdade, pela causa das letras não ficão a quem dos que a Grecia e Roma celebrarão. Como esses grandes heroes, muitos dos nossos antepassados também arrostão a miseria o exilio, a morte.

Como os apóstolos do Christianismo, cingirão, resignados a corôa do martyrio, só esperando a recompensa do futuro. Nem as ardentes arêas da Lybia, as duras algemas, os horrores do cada falso poderão dobrar a sua dura cerviz ao jugo cruel que lhe impunha Portugal. Pelo contrario, senhores, ainda do exilio, do cada falso lançavão maldição e opprobrio, zombavão dos seus oppressores, invocavão as musas aos patrios lares: lição sublime que não poderá esquecer a mocidade sem que pese sobre ella a vergonha dos seus maiores. Perdão, senhores, que eu não devia fazer perante a mocidade tão extemporanea reflexão. Não; por que ella obdece pelo contrario as suas justas reclamações, paga o tributo que deve a tão venerandos bustos, adora a cruz do martyrio, recebe a sentença que os condemnarão como um protesto solemne contra a tyrania, contra o despotismo, finalmente como uma reliquia sagrada que deve ser transmittida as gerações vindouras.

Já vedes, senhores, que a grande obra da nossa civilização, a sociedade moderna, custarão muito sangue, muita lagrima aos grandes obreiros que erguerão os seus alicerces.

A mocidade sabe perfeitamente avaliar o trabalho, aquilatar o merecimento, para não destruir n'um dia, por inercia, por mesquinhos interesses, a grande obra que lhes custou tão largos annos de fadiga. A' ella compete ainda mais, á ella compete eleva-la ao auge de grandeza e magnificencia que lhe está reservado no futuro.

E essa grandeza tem uma base, não é uma chimera da nossa imaginação, essa grandeza deixa-se ver desde já, ao contemplarmos os seus rios gigantes, que rolão as suas aguas sobre immensas riquezas, as montanhas cobertas de azul, que vão entestar com as nuvens, o formoso atlantico que banha tão longa estenção de costas, as densas florestas, alvejantes campinas, a brilhante constellação do cruzeiro, finalmente, o talento que produz essa arrebatadora natureza. Mas, senhores, essa obra tão grande em relação aos nossos antepassados, ainda o será para a geração presente?

Não, tres vezes não: — é o grito da mocidade.

DISCURSO

PROFERIDO PELO DR. PEDRO ELIAS
MARTINS PEREIRA

Tres cousas principaes concorreram para que os nove decimos da população dos Gregos e Romanos, vivessem sob uma deploravel constituição social, que lhes negava um nome, um Deus, uma familia: para que — na angustia do desanimo clamassem com os padres da Igreja: — «a terra é um valle de miseria!» o mal é inevitavel; — o mundo é o logar do castigo á que fôra o homem originariamente condemnado por seu Creador, a sociedade é a organização

desse supplicio, são as seguintes: a sede de conquista, o dominio de umas classes sobre outras, a falta de produção.

Causas bem semelhantes concorrem para que o nosso paiz esteja na impossibilidade de progredir, e não tenha força moral alguma em frente das outras nações; para abalar-nos o menor ameaço de violencia feito por uma pequena republica do Sul; para que ameace a fome varias provincias, de terrenos fertilissimos, cujo povo é industrioso, varias provincias, que teriam por si sós formado grandes estados, si não fossem tolhidas em sua marcha por leis cegas, por uma administração ignara, pela influencia malefica, por uma opposição inqualificavel do governo.

Eis as causas, de que fallo. O atraso da industria, a falta de instrucção, o trabalho escravo, o monopolio da politica, a nossa fórma de governo.

Quanto á industria: quer encaremos as fontes de seu desenvolvimento pelo lado material, ou physico, os processos mecanicos, os instrumentos do trabalho, as machinas, as vias de comunicação, quer tenhamos em vista, de um lado os talentos intellectuaes adquiridos, a união das forças, a divisão do trabalho, de outro as sociedades por acções, as companhias de seguros, os bancos, em uma palavra, o progresso *social*, o nosso atraso é consideravel.

A liberdade é a alma das industrias: a falta de liberdade no gyro dos capitaes, os privilegios dos bancos, as restricções, a difficuldade immensa dos transportes, matão todo o movimento industrial no Brasil.

Rossi compara o Estado, que admite as restricções, e o proteccionismo com os doentes, cujo pulso annuncia ao medico habil o que a dilatação das arterias, ainda pôde deixar-lhes de vida. Os paizes submettidos ao systema das restricções não podem occultar ao economista os males, que ameaçam suffocal-o.

Quem poderá livrar-nos da phletóre industrial, que nos ameaça? O nosso governo? Os nossos homens politicos? As revoluções?

Eu creio que este meio final é o mais expedito, o unico, que poderá surtir effeito. As revoluções trazem alguns males: porém as vantagens, e melhoramentos, que as seguem, valem bem o sacrificio.

E' este o unico meio, eu o disse; o paiz inteiro daqui á pouco ha de acclamal-o. Pedir ao governo um remedio aos males, que soffremos, é procurar a vida no veneno, a salvação do paiz na causa principal do seu atraso.

A organização social é uma: as fórmulas politicas variadissimas! a organização social não póde morrer: todos os raciocinios que contra ella se levantam, morrem por partir de hypotheses gratuitas, impossiveis, hypotheses, que se contradizem com a natureza do homem. As fórmulas da organização politica, porém, variando, conforme os paizes, os costumes, o espirito de cada povo, devem mudar tambem com as epochas, em um mesmo territorio, quando a instrucção, as necessidades não forem as mesmas. Os esforços, que neste sentido algumas provincias tem feito, por fracos, foram suffocados: mas uma tal suffocação não é mais do que a revolta em permanencia. Não entoe a força o hymno de victoria: seu triumpho é passageiro: quanto mais alta é a posição em que se collocou, tanto mais estrondosa e infallivel é sua queda.

Está o governo caminhando para isso. O povo de Minas pedia justiça em 1842; fizeram-no callar-se á força de bayoneta. Para repellir o jugo de um máo governo, pegou em armas o povo pernambucano, para fazer uma revolução politica.

Quasi vencedor, derrotou-o a traição de um dos chefes. Homens inermes, nas praças publicas, ás portas do palacio do governo, eram barbaramente espingardeados pelos guardas. Eram assassinatos legaes.

A Bahia n'este momento em luta com a fome... O que fará a Bahia? Talvez as necessidades materiaes despertem o povo do marasmo em que tem vivido: talvez seja tempo de accordar.

Politicos do meu paiz: muito tendes

lutado pelos vossos interesses: sacrificae-os um pouco áos de vossa patria.

Que remedio podereis descobrir para as crises, que nos ameaçam?

Bem poucos serião capazes de dar remedios para sanar o mal: seria embalde; não cortando a origem, seria a cura um meio illusorio e fatal, que, distrahindo o doente, fal-o-hia perder a esperança, quando recabisse.

Eu disse ainda, que a falta de instrucção, e o trabalho escravo concorrião para o nosso atraso.

A instrucção de um povo cresce em regra, com o seu bem estar, moralidade, liberdade do trabalho.

Sujeitos á compressão das necessidades materiaes, distrahidos outros para o terreno mesquinho de uma politica de feira, arreigados aos habitos perniciosos de uma educação imperfeita, os homens intelligentes de nosso paiz, pela maioria, morrem no desanimo.

Basta, porém, que algumas intelligencias escapem á esse *Malebolge* em que pretendem precipital-as, onde muitas foram cahir; basta que izentem-se algumas do dominio das ambições politicas, cumpre que outras não desanimem ante o aspecto desolador, que apresentam nosso estado financeiro, a miseria de nossas industrias, o enthronisamento chronico de alguns politicos *Cagots*, de conhecida inopia, madeiros velhos, que ao menor abalo hão de cahir.

Que appareçam alguns *William Temple*, um *Peet*, um *Channing*; homens, que não digam ao povo: entre nós a igualdade civil só existe nas leis; a liberdade politica é uma chymera; a concentração é a lei, que nos domina: porém que por uma linguagem mais clara, emittam as mesmas idéas; que lhe digam: povo, si tens fome, si gemes na miseria, a culpa é do teu governo; segue-nos e juramos salvar-te, ou morrer comtigo.

Tratando do papel do capital na obra da producção, de suas vantagens, das consequencias do abuso das economias, quando tive de referir-me ao Brasil, julguei dever apresentar as causas mo-

raes e politicas, que com o atraso da industria, com o máo gyro dos capitaes, concorrem para o estado deploravel em que se acha o nosso paiz.

Eu vou apresentar as tristes consequencias da baixa dos *proveitos* nos paizes em que o trabalho é escravo: eu vou mostrar por esse lado os males, as duras provações porque póde passar o Brasil.

Nos paizes em que o trabalho não é livre, em que o trabalho e o capital não concorrem como forças distinctas para a obra da produção, como tudo é capital, como o homem sem liberdade é cousa, segundo definiam os romanos, quanto maior for a força do instrumento empregado, tanto maior será a somma de productos. Como porém o augmento da offerta importa baixa no preço, si o augmento dos productos pela concurrencia de capitaes, tornar-se excessivo, podendo o seu preço descer abaixo dos gastos de produção, o capitalista será levado á perder, si não lançar mão de algum expediente.

Ora o meio, que apparece para tiral-o do embaraço é anormal. Si elle teme não entrar em seus avanços, si é livre o trabalho, despede os obreiros, não continua a empresa. Quando os obreiros não são livres, e as circumstancias se tornam desfavoraveis, perigosas, entre o ter grandes prejuizos, e fazer soffrer os escravos, pela redução das despesas, escolhe o capitalista o segundo meio, reduz á um *minimum* o sustento das *machynas homens*.

Meio immoral e absurdo, de que soem lançar mão aquelles, que não receiam ante á pratica do acto anti-natural de pôr em jogo o soffrimento do homem, deploravel, mas necessaria consequencia, de uma instituição viciosa, que a razão repelle, que o espirito universal condemna, que o sentimento de justiça não póde acceitar!

Ainda mais: na hypothese da liberdade do trabalho, o amor, que tem o obreiro á seus filhos, o amor de familia, mesmo nas epochas de grandes crises, pode garantir o respeito á lei.

Que poderá deter o escravo quando a

fome não for acalmada? Que affeições podel-o-hão prender?

A consequencia é inevitavel; objecção irrespondivel; absurda qualquer outra resposta, que não seja a seguinte:—São males inevitaveis da escravidão. Ha um remedio; é extinguil-a: que não haja mais escravidão no Brasil.

Eis as causas, que concorrem para que o nosso paiz não possa progredir; e nullo, quasi nullo entre as outras nações, nem ao menos possa ter, como Portugal e a Hespanha um passado de glorias; para que sem esperanças de futuro assemelhe-se ao baixel sem leme, entregue no alto mar á furia das tormentas.

Convirá desanimar? longe disso. O ser mais digno de reprovação é aquelle que desanima. Longe o desanimo! o genio, que conduz a sociedade e que enche de vida o Universo, está acima da furia das facções, da ambição dos reis...

Na sciencia, na religião, nas artes, na politica, tem as nações necessidade de progredir. Si não é uma chymera que ellas sejam seres evolutivos, suppolas aqui aperfeiçoando-se, aqui avançando na sciencia nas artes, além não mudando de religião, nem de fórmias politicas, é contradictorio, é absurdo.

Longe o desanimo! O seculo da liberdade do pensamento, do suffragio universal, da democracia suppõe o do materialismo heliocentrico e estúpido, do feudalismo, da escravidão. O sol que conduzia os bravos de 789 talvez muito breve appareça no horisonte da America do Sul... Que venha a quadra das desillusões; que a liberdade não seja entre nós um frio sarcasmo atirado ao povo por aquelles, que o spoliam... que o Brasil conheça o seu destino...

DISCURSO

RECITADO PELO SR. ANTONIO MANOEL DOS REIS.

Consenti Snrs., que o mais humilde dos filhos da sciencia, possuido do mais vivo entusiasmo, vos roube alguns mo-

mentos de attenção, vindo depositar no templo da sabedoria algumas flores descoradas e sem perfumes, associando sua fraca voz ás eloquentes palavras que proferis.

Não é um bello panegyrico feito em honra da sciencia ao qual presidirão o estudo e a meditação, são sim algumas palavras de momento nascidas do respeito e devotação que consagrò á tudo quanto é nobre, á tudo quanto é sublime. São apenas um quadro resumido das idéas que nesta hora solemne povoão o meu espirito, despertão a minha fantasia avivada com os toques do sentimentos.

Ainda se conservão na memoria de todos, esses factos anormaes que se derão do tempo do Brasil Colonia.—O despotismo enthronizado, a força representando o direito, a hypochrisia envolta no manto da virtude, a justiça annunciada pelo bacamarte, a honra pela immoralidade, a politica pelo vil interesse e sordido egoismo, o poder pela audacia e estupidez; eis os mimos que a metropole havia liberalizado ao Brasil, convertendo as virgens mattas da America onde habitava o indio que symbolisava a liberdade, em uma jaula de medonhas féras, na qual erão lançados todos aquelles, que não sabião pactuar com a baixeza e o servilismo, virtudes da epocha!

Todavia Srs., éra difficil se não impossivel que um semelhante estado continuasse; que a tyrannia prevalecesse contra a lei, que a força subjugasse o direito, que a escravidão calcasse aos pés a liberdade! Um grito magestoso, que tradusia a esperança e a vida de uma nação infante, desprendeuse dos labios do Immortal Fundador do Imperio; e resoando pelas floridas campinas do Ypiranga, annnciou ao mundo inteiro mais um triumpho da ordem, contra a anarchia, mais um triumpho da liberdade contra o despotismo! Todos os corações palpitarão com entusiasmo, todos os labios murmurarão um hymno de jubilo e reconhecimento, todas as vistas se dirigirão para o céu, agradecendo tão precioso dom, dadiva

tão celeste! O throno do despotismo vascillou, e cahio envolvendo-se no pó do desprezo geral, começou o imperio da lei, estava salvo o Brasil!...

Foi posterior á este notavel acontecimento, que do alto do throno, baixou o sabio decreto criando os Cursos Juridicos do Imperio, que vierão terminar essas deficeis perigrinações que fazião todos aquelles, que avidos de saber, abandonavão sua patria, deixavão seus paes, parentes e amigos, e corrião á um paiz extranho á pedir emprestada uma scentelha de illustracção; illustracção que ao depois vinhão derramar no coração de um povo cheio de crenças, de fé e de patriotismo, porém embrutecido e que unicamente dispunha das velhas usanças, e funestos prejuizos que lhe havia legado a carunchosa metropole!

Não serei eu quem vos venha demonstrar os immensos beneficios prodigalisados ao Brasil por uma tal sabia instituição.—Aberto o templo da sabedoria, n'elle penetrou o rico e o pobre, o grande e o pequeno, sequiosos de libarem o doce nectar da sabedoria; electrizados pelo brilho da verdade, que offuscava as trevas do erro! A ignorancia foi pouco á pouco se dissipando como a neblina da madrugada ao despontar do sol; o anjo da civilisação estendeu suas candidas azas sobre todas as cabeças; a sabedoria não ficou sendo como outr'ora um privilegio exclusivo d'aquelles que possuião um punhado de oiro para compral-a.—

Hoje tanto o nobre como o plebeu, tanto o rico como o pobre, tem igual direito ás honras que são conferidas á todos aquelles que melhor sabem comprehender os divinos arcanos da sciencia.

O oiro, o poder, os titulos, e as condecorações, se não exprimem o character, a intelligencia, o valor, o patriotismo, e a virtude, são meros ornatos que tanto servem para enfeitar o peito de uma casaca, como de qualquer outra coiza! Os homens são o que são e não o que parecem ser. A unica differença que existe entre elles, é a maior ou

menor somma de conhecimentos e virtudes! Tudo o mais são exterioridades que nada valem, que nada significão! A aristocracia do talento concebemos e respeitamos, a aristocracia do dinheiro desconhecemos e desprezamos!

E' por estas considerações, Srs., que nós enchemos de jubilo, que sentimos abraçar-se o nosso peito nas chammas de um verdadeiro enthusiasmo quando vemos a mocidade na epocha das festas, dos risos e das esperanças, deixar para o lado tudo quanto pode seduzil-a com seus falsos deleites, com seus momentaneos prazeres; tomando por guia o estudo, por estandarte a liberdade, por escudo a coragem; caminhando intrepida em busca da sciencia nos campos da intelligencia, colhendo assim os louros que um dia lhe hade engrinaldar a frente ante os altares da Patria!....

E bem faz ella, Snrs.—Aqui, n'este recinto escuta-se doces harmonias que se confundem com os hymnos entoados em honra da sciencia; sente-se o delicioso perfumar das flores, que symbolizão a pureza dos sentimentos que se azylão em tão jovens corações, diviza-se a purpura adornando as paredes do sanctuario da intelligencia; admira-se uma brilhante mocidade rica de talentos e patriotismo, ligada pelos doces laços da sympathia!...

Lá fóra, ouve-se a vóz rouquenha da inveja, mareando o brilho das mais nobres accões; sente-se o pestifero bafo da calumnia que não respeita vidas, que não attende á costumes, calcando aos pés as mais solidas reputações; admira-se o cynismo do sicario que atravessa a praça publica, á luz do dia com o punhal em punho, e crava-o no coração da victima, sorrindo-se orgulhoso e satisfeito, por ter desempenhado a missão de que fóra incumbido!... Ve-se o interesse e a baixeza partindo do alto, d'onde só deveria emanar o exemplo das virtudes, e bons costumes!

Aqui, vê-se a sinceridade debuchada em todos os semblantes, a franqueza e o character expressados em eloquentes

palavras capazes de se traduzirem em actos, desde que se offereça occasião.

Lá fóra, o riso da ironia e do sarcasmo, os traços da hypocrisia e do fingimento, estampão-se em quasi todas as phisionomias, são a norma de quasi todas as accões que practicão!—Aqui, estudão-se os principios da sciencia, admira-se a virtude e a illustração, trabalha-se para o brilhante futuro da patria!—Lá fóra, estuda-se os meios de ganhar dinheiro, procura-se illudir a boa fé, zomba-se das leis, escarnece-se da moral, piza-se tudo, calca-se tudo!...

Realmente o Brazil colonia, nada tem que invejar ao Brazil independente!...

E se não perguntaremos, onde existem as leis, onde se azila o direito, onde a garantia do cidadão, onde a segurança de cada um, onde o respeito á propriedade?!... Snrs., devemos nos envergonhar ouvindo fallar em governo, devemos nos envergonhar ouvindo fallar em direito, devemos nos envergonhar ouvindo repetir á cada hora, á cada momento, á cada instante, as palavras—*progresso e civilisação!* Palavras que muito exprimem para aquelles povos que a merecem, que as comprehendem, que as realizão; mas que entre nós somente significão *miseria e pedantismo!*...

Dizei-me, é civilizado o paiz que tem a sua frente um governo, que todos os dias calca aos pés com o maior desprezo o que ha de mais santo e respeitavel para uma nação—A constituição politica do Imperio?..—E' civilizado o paiz em que o cidadão não tem garantias, em que a lei é letra morta, em que á todo o momento vê-se a propriedade desrespeitada por aquelles que se dizem agentes do poder?... E' civilizado o paiz que vê os seus mais sagrados direitos conspurcados por essas insignificantes Republicuetas, e longe de fazer respeitar a sua honra, o seu brio, a sua nacionalidade, pelo contrario prosta-se, humilha-se, roga e a final deixa esbanjar os cofres do Estado para manter uma paz infame e vergonhosa, conseguindo dos tumultuarios que não gritem, que não fação barulho, que não ag-

gridão?... E' civilizado o paiz que se conserva immovel ante o maior dos attentados qual é a usurpação que se quer fazer da liberdade da imprensa, unica regalia que lhe assiste, unico poder de que pode lançar mão quando não acha apoio na auctoridade, quando não lhe querem fazer justiça, quando não reconhecem o seu direito?....

Tornaremos a repetir, o Brazil colonia nada tem que invejar ao Brazil independente! Gritem, esbravejem, denominem-nos como quizerem, classifiquem-nos como entenderem; á esses que de tudo fallão, que de tudo se admirão, que de tudo censurão, fica o direito de praticar como melhor lhes approuver; á nós, jovens, sem interesses, sem ambições, sem aspirações ao poder; fica tambem o direito de manifestarmos os nossos pensamentos em quanto não se ergue nas praças publicas as fogueiras da Inquisição, unico beneficio de que o Brazil ainda não goza, porém que muito se trabalha para conseguir.—

Não somos pessimistas, admiramos o talento, respeitamos o character, curvamo-nos respeitosos ante a magestade do poder entregue á homens honrados e intelligentes; mas nunca deixaremos de censurar a baixeza, o egoismo, a ignorancia, que tantos e tão vergonhosos episodios nos tem prodigalizado n'esta actualidade podre e corrompida!.....

—O governo protege as letras!.... Tem se repetido um milhão de vezes, na imprensa, nas camaras, nas associações, nos ajuntamentos particulares, e até em cartazes pelas esquinas! Entretanto senhores onde existe essa protecção, como se deve entende-la, de que modo tem sido manifestada? Porventura não esgotamos os recursos de nossas pobres familias, para adquirirmos a limitada instrucção que nós é ministrada? Accaso recebemos um pergaminho, sem que apresentemos o sacco de moedas pelo qual o trocamos? Aquelles que dirigem a nossa educação litteraria, são recompensados como merecem, pelos seus trabalhos, e conforme a sua dignidade e illustração? E' lançando onerosos impostos até no

mais simples attestado, não fallando em mil outras patacoadas; que o governo protege as letras patrias? Ah, senhores é doloroso que em um paiz que se diz constitucional, se dêem semelhantes factos!—Achamos até admiravel que o governo ainda não se tenha lembrado de converter as academias em Hospitaes ou Quarteis, em vista do abandono e desleixo em que jazem!.....

Nós bem conhecemos senhores, á que nos expomos, fallando d'est'arte, muito embora protestemos que só nos dirigimos áquelles que abuzão do poder e da auctoridade; nós bem sabemos que as nossas palavras serão lidas, interpretadas e commentadas, servindo de thema aos sermões e homilias, que costumão fazer alguns jezuitas politicos.—Entretanto diremos que nada receamos, achamos cedo de mais para queimarmos o incenso da adulação ante os altares do servilismo, ficará para mais tarde quanto forçado a desmentir nossas idéas, á suffocar nosso entusiasmo para obter uma migalha de pão.....

Mas não, senhores—O destino do Brazil hade mudar-se, ahí levanta-se uma nova geração cheia de vida, de crenças e de entusiasmo que hade salvar a patria do abysmo em que a lanção.

Avante, pois e nada de receios!—A Associação Culto á Sciencia, tem sabido cumprir a sua augusta missão.—Emballada ao sopro das doces auras da liberdade, ella tem até hoje caminhado por um trilho ora semeado de flôres, ora crivado de espinhos, porém tem caminhado sempre! Essa mocidade entusiasta de que ella se compõe, não vê perigos, não conhece obstaculos, não encontra difficuldades desde que é necessario dar uma prova do amor que ella consagra á sciencia!—Invejosos, tem ella tido e em grande numero, porém generosa com sempre, nunca os desprezou, antes estende-lhes a mão com um sorriso de compaixão! No cerebro dessa mocidade esperançosa referve a intelligencia, nos seus braços vigora a força, nos seus corações arde o fogo santo do patriotismo, dos seus labios partem hymnos de gloria em honra da sciencia, da patria e da liberdade!..

Nos vos saudamos oh mocidade! Por que em vós, só em vós, divisamos as solidas columnas que hão de sustentar o edificio das nossas instituições politicas prestes á desmoronar-se!

Oxalá sempre sejam coroados os vossos esforços e a patria agradecida vos brinde com a aureola brilhante de uma gloria immorredoura.

Avante!..

POESIAS.

Ella?

Ledos, gentis sonhos, que, no meu leito,
De risonhas côres cobriam minha dôr,
De vossas imagens que haveis feito
Quando voavam sobre meu peito
Palpitante de amor!

Encanto que sempre nos deixa presente
De um terno sorriso a celestial visão;
Fogo roedor que derrama ardente
Essa chamma fatal que turba a mente,
Prostra o coração.

Oh! Não! não me fugi, doces illusões,
Delirios ardentes, fogo consumidor,
Ledos sonhos de amor, risonhas visões,
De mim apartai tristes afflicções,
Martyrios e dôr!

Porque d'esse ceo a serenidade
Turvou-se.... e porque da discordia fatal
O medonho vento soprou tempestade?...
Deixando sómente pezar e saudade
E tristeza mortal!

Oh! como descrever de amor os ardores?
Geme, minha lyra, um hymno de afflicção,
Que teus gemidos, como murchas flores
Murmurem suspiros e calmem as dôres
De meu coração!

Luctuosa imagem da melancolia,
Dá a meus cantos tua inspiração
E tua doce voz, meiga sympathia,
Que venha confundir sua harmonia
Com a voz da paixão!

Desde essa noite em que ternos cantos
Submergiam a alma em doce embriaguez
Quando resoavam d'amor os accents,
Celestial belleza, vi os teus encantos,
Pela primeira vez!

Ineffavel prazer, chamma fulgurante
Derramou sobre mim desconhecido ardor;
Como deslumbrado d'um astro brilhante,
Permaneci mudo, turbado, perante
Esse sunho d'amor!

Na noite sombria, triste, silenciosa,
Minha alma véla vencida pela dôr,
Apenas da brisa vaga mysteriosa,
Junta-se nos ares, voz melodiosa,
Com a voz do amor!

Amo-te, oh! bella, por ti só respiro;
Amo-te! Amo-te, como á terna flor
Ama a primavera, ama o zéphiro,
Amo-te, e meu ultimo suspiro
Murmurará—amor!

** F.

A minha confidente.

Querida, quando quizeres
Saber do meu coração,
Abre a tua janella
E pergunta á viração.

E dir-te-ha os suspiros
Que o pobre peito soltou;
E dir-te-ha os gemidos
Que a pobre alma exhalou.

E dir-te-ha a saudade,
Que eu soffro longe de ti;
E dir-te-ha a tristeza
Que reina junto de mi;

Porque todo este segredo
Da minha terna paixão,
Todos meus ais e suspiros
Eu confio á viração.

E' discreta confidente
Não sei que o haja melhor
Por isso é que eu lhe confio
Segredos do meu amor.

Eu amo-a muito, já muito
Tenho-lhe muita affeição;
Mas não vás por isso d'ella
Ter ciumes, isso não!

O meu affecto querido
Esse affecto é todo teu:
Ella é doce, mas... da terra
Tu és linda, e... és do ceo!

A minha alma toda, toda,
E' tua só... eu ta dei;
D'ella a terna branda aragem
Só as fallas entreguei.

Conversa com ella, oh anjo !
 Conversa co'a viração,
 Recebe-a meiga em teu seio...
 Toma-lhe o meu coração !...

Q. S.

Ella....

*A uma flor das margens do Parahyba,
 em Rezende.*

Só um olhar por compaixão te peço
 Um olhar, mas bem languido, bem terno

 Quero um olhar que me arrebate o sizo
 Me queime o sangue, me escureça a vista.
 Me torne delirante.

ALMEIDA FREITAS.

Exilado, proscripto, eu amo a vida
 Eu amo seus encantos, seus amores,
 Ardendo em sonhos, illusões, chimeras,
 Vegeto, mas não vivo, como as flores...

Um sorriso, um bafejo de ventura,
 Depois... tormentos, magoas, soffrimentos...
 Mulher ! porque assim crestas esperanças
 Porque pizas ardentes pensamentos ?

Virgem, creatura celeste, anjo, mulher...
 Um sorriso... e depois os males todos
 Um momento feliz,
 E que importão depois tormentos, dôres...
 Soffrimentos, angustias
 Que o inferno maldiz !!

Quero um sorriso, um beijo puro e santo
 Quero beber a embriaguez da morte...
 Quero ao menos viver um só momento :
 Mulher, tem compaixão, escuta a sorte...

S. Paulo 1860.

P. R.I.

Um bouquet.

Ha pouco, coitadinho, tão viçoso
 Suas côres mostrava radiantes,
 Hoje triste a meus olhos vae murchando
 Tão despido das côres vecejantes.

Orvalhei-o co'as lagrimas do amor
 E meus beijos sobre elle derramei,
 Perguntei-lhe por ella que eu adoro
 Que amo tanto e sei que morrerei !

Nem mesmo um ai ! sequer me respondeu ;
 Tive pena de vel-o sempre assim ;
 Então bem junto ao peito conservei,
 Parecia-me vê-la juncto a mim.

A noite eu lhe contei os meus segredos
 E a dôr de meu pobre coração ;
 Contei-lhe os meus desejos que sentia
 Delirando na febre da paixão.

Oh! anjo, que em meus sonhos eu adoro,
 Deixa ao menos na vida um só momento
 Nos effluvios do amor banhar min'alma,
 No teu rosto mirar meu pensamento.

Assim como esse pallido raminho
 Não vá tambem murchar o nosso amor,
 Dá-lhe vida com o fogo de teus olhos,
 Que meus olhos darão lagrimas de dôr.

S. Paulo 1860.

J. A. de Barros Junior.

A saudade.

Porque pendes, oh flor delicada,
 Porque pendes tão terna a murchar ?
 Não tens força nessa haste vergada
 Para os raios do sol affrontar ?

Inda á pouco, saudade querida,
 Tão serena, tão pura e louçã,
 Deu-te a noite nos prantos a vida,
 Deu-te a vida no riso a manhã ;

Inda á pouco, brincando co'a brisa
 Que o veludo teu lindo beijou,
 Nesta relva que o campo matiza
 Fresca e pura tua frente roçou.

Porque morres, oh flor delicada,
 Porque pendes, oh flor, a murchar ?
 Ai ! nem pódes com a haste inclinada
 Mais os raios do sol affrontar !

Se não beija-te as plantas correndo
 Deste arroio a corrente fugaz ;
 Se das selvas a briza gemendo
 Seus carinhos de amor te não traz :

Se a aurora não dá-te mais pranto
 E no pranto o viver te não dá ;
 E se á tarde não geme-te um canto
 O formoso, gentil sabiá ;

Porque pendes, oh flor delicada ?
 Ergue a frente não debes murchar,
 Toma força nessa haste vergada
 No meu peito vem leda viçar.

F. Quirino dos Santos.

S. Paulo.—1860.—Typographia IMPARCIAL de
 J. R. de Azevedo Marques.